

TEORIA DA ÁRVORE GENEALÓGICA E TEORIA DAS ONDAS

Marcos Felipe da Silva Mendonça (UnB)
mmarcos.unb@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar o desenvolvimento de duas teorias diferentes: a teoria da árvore genealógica que tem como base a classificação genética das línguas e a teoria das ondas como contestação a esta primeira. Parte-se do princípio de que existem ao menos duas vertentes linguísticas: a que considera a linguagem do ponto de vista interno, mais cognitivo, e a outra que a analisa do ponto de vista social, ou seja, a língua contextualizada em seu uso.

Palavras-chave: Teoria da árvore genealógica.

Teoria das ondas. Classificação das línguas. Genética das línguas.

1. *Introdução*

Quando alguém se interessa pelo estudo da linguística, seja um estudante universitário ou um leigo procurando saber maiores informações sobre determinada língua, facilmente se depara com o modelo da árvore genealógica ao pesquisar um manual de linguística histórica. É bastante comum entre pessoas que têm um certo grau de instrução saber que o português é uma língua que deriva do latim, o que a torna parente do francês, do espanhol e do italiano, pois possuem a mesma origem. Também é recorrente a afirmação de que o latim é uma língua morta, dando uma ideia de que deixou de existir para dar lugar às línguas românicas. Nota-se portanto, a forte inclinação da sociedade em não perceber os processos de formação e transformação das línguas, sem refletir que nunca houve um ponto de início como um parto, mas um constante processo de mudanças pelo qual estamos passando neste momento e pelo qual nossos descendentes também passarão enquanto houver humanidade.

Este trabalho tem o objetivo de apresentar a origem da classificação das línguas num formato metafórico de árvore em seu devido contex-

to histórico e explicar porque ele é o mais utilizado e posto em evidência sendo que existem outros, como é o caso do modelo das ondas, que é apresentado em contraposição. Ao longo dos últimos dois séculos, novas formas de classificações de línguas vêm sendo desenvolvidas e deveriam ter maior espaço de divulgação. Aqui nos ateremos apenas aos dois principais: o modelo da árvore genealógica por ser o primeiro e o modelo das ondas por ser uma alternativa que surge da concepção da linguística de contato. Para tal, serão apresentados três autores: August Schleicher, Johannes Schmidt e Hugo Schuchardt. Os dois últimos foram alunos de Schleicher na Universidade de Jena.

2. *August Schleicher*

August Schleicher foi um importante linguista nascido em Meiningen, na Turíngia em 1821. A ele se atribui o desenvolvimento da classificação de línguas por meio das árvores genealógicas. Isso se deveu à sua grande proximidade de contato com as ciências naturais, pois no século XIX o darwinismo estava sendo amplamente discutido nas universidades. No livro *Linguística Histórica: Uma Introdução ao Estudo da História das Línguas*, o autor Carlos Alberto Faraco (1991) afirma que Schleicher teve sua formação inicial como botânico e que isso o influenciou metodologicamente na linguística. Provavelmente a fonte de pesquisa de Faraco foi Maurice Leroy (1982), que no livro *As Grandes Correntes da Linguística* faz a mesma afirmação. No entanto, consultando a *Allgemeine deutsche Biographie & Neue Deutsche Biographie*, constata-se que primeiramente Schleicher ingressou no curso de teologia e línguas orientais em Leipzig em 1840, mudando-se para a Universidade de Tübingen em 1841 e finalmente para Bonn em 1843, cursando filologia clássica, tendo assim a oportunidade de começar sua carreira como linguista.

Pode-se dizer, portanto, que sua visão naturalista não foi fruto de uma influência de mão única advinda da biologia, mas algo que se desenvolveu mutuamente por meio de discussões acadêmicas, de forma que a linguística também teve sua parte de contribuição nas ciências naturais. Era um ponto recorrente nos trabalhos de Schleicher discutir os estudos da linguagem em relação direta com as ciências naturais, como o livro publicado em 1863, *Die Darwinsche Theorie und die Sprachwissenschaft* (A teoria darwinista e a linguística) e *Über die Bedeutung der Sprache für die Naturgeschichte des Menschen* (Sobre o significado da língua para a história natural da humanidade) de 1865.

Na introdução do *Compêndio da Gramática Comparativa do Indo-Europeu, Sânscrito, Grego e Latim (Compendium der vergleichenden Grammatik der Indogermanischen Sprachen)*, Schleicher faz uma pequena apresentação sobre o que é linguística e qual é seu objeto. O autor trata a língua como um organismo vivo, que, assim como se observa no mundo natural, nasce, se desenvolve e morre. Afirmando, a partir disso, que o objeto de estudo da linguística é a vida da língua (*das leben der sprache*)¹, discutindo inclusive qual é a maneira mais correta de se chamar esta ciência nova, propondo “gramática histórica” (*historische grammatik*); “história da língua” (*sprachegeschichte*); e chegando, finalmente, à conclusão que a maneira mais correta é dizer “estudo da vida da língua” (*lere vom leben der sprache*), sugerindo ainda um termo já em desuso, *glottik*, como um nome alternativo à linguística.

No início do século XIX, August Wilhelm Schlegel desenvolveu a classificação de tipologia morfológica ainda utilizada atualmente, na qual se dividem as línguas entre isolantes, aglutinantes e flexionais. Schleicher usou essa divisão como base argumentativa para defender o evolucionismo linguístico. No qual, afirmava que as línguas isolantes (ex.: chinês, anamês, siamês, burmês) estariam em um estágio inferior, pois são línguas monossilábicas que só possuem radicais, os quais não fazem ligações com outros afixos. Para dar força a seu argumento, Schleicher utiliza uma dedução de como seria o indo-europeu em seu período isolante: *ai-mi* (eu vou) seria teoricamente dito como *i* ou *i ma*.

Num estágio acima estariam as línguas aglutinantes (ex.: finlandês, tatar, dekhan, basco) que permitem a composição de radicais com afixos. Segundo Schleicher, no período aglutinante, o indo-europeu expressaria *ai-mi* como *i-ma* ou *i-mi*.

E por fim, o último estágio possível a ser alcançado pelas línguas seria o flexional, representado pelas línguas indo-europeias e semíticas, nas quais um afixo pode possuir mais de um significado.

Segundo Schleicher, a vida de uma língua possuía dois estágios: o primeiro, chamado pré-histórico, no qual as línguas passavam por seu desenvolvimento, partindo de isolantes até chegarem ao ponto máximo flexional e, após isso, o período histórico em que havia o declínio, a partir do qual as línguas caminhavam para a morte.

Atualmente, encontramos muitos pontos nos quais Schleicher pode ser contestado. Primeiramente no tratamento da língua como um organismo vivo, partindo de uma ideia antropomórfica na qual uma língua

segue o ciclo de vida de um indivíduo, influenciado pela filosofia ocidental de ascensão e declínio. Outro ponto é a visão eurocêntrica que faz com que as línguas flexionais sejam postas convenientemente num patamar mais elevado de evolução, enquanto as demais estariam ainda num estágio mais primitivo, por mais que coexistam numa mesma época. O evolucionismo social era uma ideia corrente entre as ciências humanas, bastante presente no surgimento da antropologia, e que veio a ser contestado e refutado por meio dos fatos observados, assim como ocorreu na linguística.

Ao considerar a questão da evolução, Schleicher criava paradoxos quanto ao desenvolvimento das línguas. Seguindo as leis da natureza, todas as línguas devem evoluir até seu ponto máximo que é se tornarem flexionais e a partir de então passam a decair. No entanto, as línguas isolantes, aglutinantes e flexionais coexistem ao mesmo tempo. Desta maneira, poderíamos perguntar se somente as línguas flexionais estão em declínio ou se a ascensão foi válida somente para o período considerado pré-histórico, e a partir de então a evolução cessou. Este pensamento não encontra paralelo com o darwinismo, por mais que Schleicher fosse entusiasta desta filosofia, uma vez que biologicamente falando não existe teoria que considere declínio. Isso demonstra que Schleicher não conseguiu superar as ideias do romantismo de sua época, com sentimentos nacionalistas aflorados em busca de estágios mais puros da língua.

3. *Johannes Schmidt*

Dez anos após a publicação do compêndio de Schleicher, Schmidt lança sua obra contestatória na qual a teoria das ondas (*Wellentheorie*) é apresentada. A diferença crucial entre os dois modelos é a concepção que se tem de língua. No modelo da árvore genealógica, as línguas se multiplicam como um ser vivo que se reproduz, formando assim as famílias. Já no modelo das ondas, observa-se mais as influências que grupos de línguas diferentes exercem uns sobre os outros, demonstrando propriedades específicas compartilhadas numa área geográfica. Ou seja, enquanto o modelo da árvore se preocupa em mostrar quais são as relações de origem entre as línguas, o modelo das ondas apresenta, de certa forma, uma classificação tipológica (características compartilhadas) de grupos linguísticos em determinado período de tempo. Para Schmidt, portanto, não se trata mais de considerar as mudanças linguísticas como um processo

natural, mas como processos que ocorrem por questões políticas, religiosas, sociais, dentre outras envolvendo realmente seus falantes.

Na obra de Schmidt em questão, é apresentada apenas a descrição da teoria das ondas por meio da escrita, sem nenhum gráfico para a explicação.

Se nós quisermos representar a relação das línguas indo-europeias em uma figura que ilustre a formação de suas diferenças, devemos desistir completamente da ideia da árvore genealógica. Eu gostaria de substituí-la pela imagem de ondas, na qual se espalham anéis concêntricos a partir de um centro se tornando cada vez mais fracos. (SCHMIDT, 1872, p.27, tradução nossa)

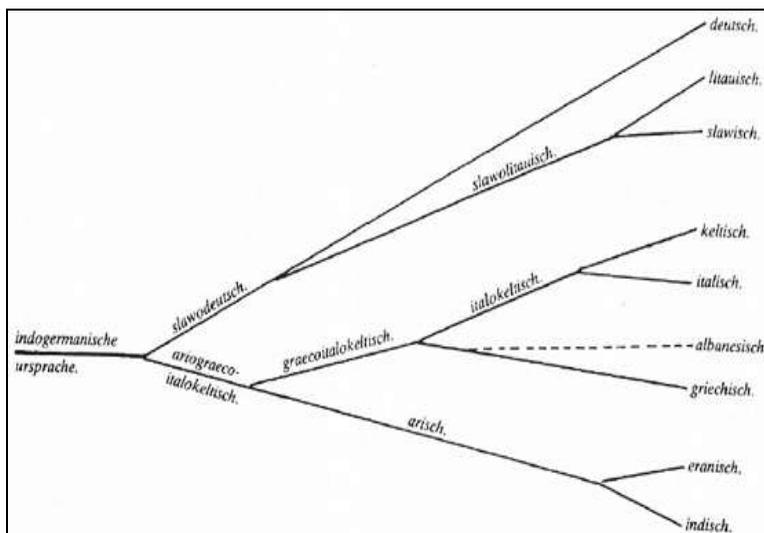


Fig. 1 – Stammbaumtheorie. Fonte: Nielsen (1989, p. 110)

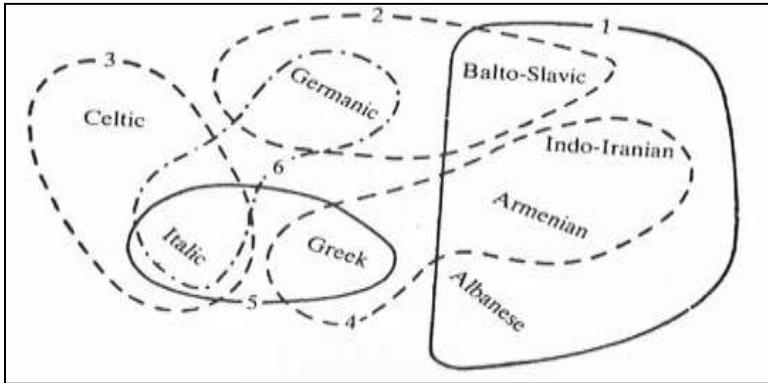


Fig. 2 – Esquema feito por Bloomfield para a teoria das ondas.
Fonte: Nielsen (1989, p. 112)

Comparando-se os modelos, é possível observar que na árvore genealógica, a única relação que o germânico (chamado de *deutsch* por Schleicher) tem com o itálico é na divisão do indo-europeu em dois ramos: o eslavo-germânico e o “ário-greco-ítalo-céltico (um nome genérico dado à língua fundamental que deu origem a várias famílias linguísticas). Portanto, é uma relação muito distante no tempo que ocorreu somente até o momento em que houve a bipartição. Após isso as línguas teriam seguido rumos diferentes. No modelo das ondas, é demonstrada uma relação contemporânea (isto é, dentro de um determinado recorte de tempo) entre essas duas famílias devido às suas características compartilhadas.

Um exemplo de elementos compartilhados devido à proximidade geográfica, é o círculo 2 que compreende a família germânica e a balto-eslava. Neste caso, a característica compartilhada seria o dativo instrumental plural que é formado por *-m* nas línguas desta região tanto em uma como em outra família.

O círculo 1 demonstra a relação próxima das línguas armênio, albanês, balto-eslavas e indo-iranianas, enquanto na árvore genealógica, a divisão destes grupos ocorreu logo na base, de forma que se apresentam muito distantes nos ramos do topo da árvore.

4. *Hugo Schuchardt*

Na década de 1870, surgiu na Alemanha o movimento dos neogramáticos como uma resposta à concepção naturalista de língua que es-

tava bastante presente nas ideias dos primeiros linguistas, como em Schleicher, por exemplo. Numa tentativa de buscarem uma maior sistematização e compreensão dos processos das mudanças das línguas, eles deram atenção especial para os mecanismos de mudança fonética e não mais para a reconstrução do passado das línguas.

Por criticarem os métodos que vinham sendo empregados até o momento, não foram bem aceitos por muitos acadêmicos mais tradicionais, e daí receberam o nome de *junggrammatiker* (jovens gramáticos), que era usado pejorativamente e acabou sendo acolhido pelos próprios neogramáticos.

Diante de um passado de pesquisas sem a sistematicidade que consideravam necessária, eles propuseram uma metodologia que buscasse processos de regularidade absoluta, à procura de leis sem exceções. Desta maneira, viam as mudanças linguísticas como algo interno, subjetivo, que ocorria no cérebro dos falantes e de forma regular seguindo critérios previstos dentro de um sistema.

No entanto, conforme suas teorias foram expostas aos dados empíricos, os neogramáticos precisaram encontrar soluções para o que se demonstrava ser exceção para as regras. E então chegaram à conclusão de que toda mudança que estava fora do previsto se dava por analogia.

No ano de 1885, Schuchardt publica o texto *Über die Lautgesetze: gegen die Junggrammatiker* (Sobre as leis fonéticas: contra os neogramáticos), no qual explicita sua crítica aos métodos considerados por ele excessivamente internalistas. Ou seja, que não consideram influências externas nas mudanças sonoras.

Schuchardt defende que as mudanças ocorrem não somente por um fator fisiológico dentro de um sistema de leis, mas pela intersecção dessas leis com outras leis fonéticas, além da mistura de dialetos e do efeito de associações conceituais; e critica ainda a aplicação de leis genéricas e sem exceções, uma vez que é impossível delimitar a homogeneidade de um dialeto, em resposta ao argumento de defesa dos neogramáticos que concluíam que as leis fonéticas deveriam ser aplicadas a um dialeto específico. Esta observação, permitiu a Schuchardt abordar pontos que viriam a ser estudados já no século XX pela sociolinguística, como é o caso de reconhecer que dentro das falas existem as diferenciações de gênero, escolaridade, classe social dentre outros fatores, numa proposta de diversidade de falas que contestava a crença dos neogramáticos de que as diferenças de uma comunidade só apareciam conforme o tempo.

Partindo dessas concepções, criava-se a base para o desenvolvimento da teoria das ondas, pois as mudanças linguísticas eram vistas como algo que se espalhava pelas comunidades a partir de um centro por meio da radiação, ou seja, algo que se difundia teoricamente em círculos, abrindo espaço para se abordar a questão da mudança linguística de outras formas.

5. Conclusão

Observa-se no pensamento de Schleicher a ideia de que a língua é um fenômeno que ocorre independentemente de seus falantes, pois segue um ciclo de vida próprio, no qual ascende e decai. Por mais que os neogramáticos tenham trazido uma maior sistematicidade de pesquisa, eles ainda consideravam as mudanças de um ponto de vista mecânico e que acabou culminando na abordagem sistemática de Saussure. A partir de então, a linguística teve uma ênfase bastante estruturalista, não havendo tanto espaço para os estudos de contato de línguas. Isto é demonstrado pela maneira como as árvores genealógicas se sobressaem em relação a outros modelos possíveis, como a teoria das ondas. Atualmente a linguística se encontra em um momento de cada vez mais diversidade de abordagens, como os estudos da sociolinguística, neurolinguística, ecolinguística, gerativismo, funcionalismo, análise do discurso, dentre muitos outros que permitem análises e combinações dos mais diferentes tipos. Com este trabalho, pretendi abordar apenas mais um modelo que não teve a mesma atenção ao longo dos últimos duzentos anos, mas que merece ser considerado diante das novas possibilidades de estudo. Desta maneira, a busca pelos trabalhos de Schmidt e Schuchardt observados sob as novas roupagens de uma ciência que constantemente se transforma, pode trazer nova luz às nossas pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLGEMEINE deutsche Biographie & neue deutsche Biographie. Disponível em: <<http://www.deutsche-biographie.de>>. Acesso em: 30-07-2014.

FARACO, C. A. *Linguística histórica*: Uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Ática, 1991.

LEHMANN, W. P. *A Reader in Nineteenth Century Historical Indo-European Linguistics*. Disponível em: <<http://www.utexas.edu>>. Acesso em: 15-05-2014.

MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

NIELSEN, H. F. *The Germanic Languages*. Origins and early dialectal interrelations. Alabama: The University of Alabama Press, 1989.

RICHARDS, R. J. *The Linguistic Creation of Man: Charles Darwin, August Schleicher, Ernst Haeckel, and the Missing Link in Nineteenth-Century Evolutionary Theory*. Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CCUQFjAB&url=http%3A%2F%2Fhome.uchicago.edu%2F~rjr6%2Farticles%2FSchleicher--fi-nal.doc&ei=RsoJVKvwDlivogSmloKgDg&usg=AFQjCNEtLHPMIZFTPCUwR7Z6ieuDmU0FXA&bvm=bv.74649129,d.cWc>>. Acesso em: 21-07-2014.

SCHLEICHER, A. *Compendium der vergleichenden Grammatik der Indogermanischen Sprachen*. Weimar: Hermann Böhlau, 1861. Disponível em: <<http://archive.org>>. Acesso em: 15-05-2014.

_____. *A Compendium of the comparative grammar of the indoeuropean, sanskrit, greek and latin languages*. Trad. Herbert Bendall. London, 1874.

SCHMIDT, J. *Die Verwandtschaftsverhältnisse der Indogermanischen Sprachen*. Weimar: Hermann Böhlau, 1872.

SCHRIJVER, P. *Language Contact and the Origins of the Germanic Languages*. New York and London: Routledge, 2014.

SCHUCHARDT, H. *Über die Lautgesetze: Gegen die Junggrammatiker*. Berlin, Oppenheim, n. IV, p. 1-39, 1885. Disponível em: <<http://schuchardt.uni-graz.at>>. Acesso em: 15-05-2014.

_____. *On Sound Laws: Against the Neogrammarians*. Trad.: T. Venemann, T. H. Wilbur, 1972. Disponível em: <<http://schuchardt.uni-graz.at>>. Acesso em: 15-05-2014.

URELAND, P. S., CLARKSON, I. *Scandinavian Language Contacts*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.